

DOMINGO XXXIV DO TEMPO COMUM

CIC 440, 446-451, 668-672, 783, 786, 908, 2105, 2628: Cristo, Senhor e Rei

- 440** Jesus aceitou a profissão de fé de Pedro, que O reconhecia como o Messias, anunciando a paixão próxima do Filho do Homem¹. Revelou o conteúdo autêntico da sua realeza messiânica, ao mesmo tempo na identidade transcendente do Filho do Homem «que desceu do céu» (*Jô* 3, 13)² e na sua missão redentora como Servo sofredor: «O Filho do Homem [...] não veio para ser servido, veio para servir e dar a vida como resgate pela multidão» (*Mt* 20, 28)³. Foi por isso que o verdadeiro sentido da sua realeza só se manifestou do cimo da cruz⁴. E só depois da ressurreição, a sua realeza messiânica poderá ser proclamada por Pedro perante o Povo de Deus: «Saiba, com absoluta certeza, toda a casa de Israel, que Deus fez Senhor e Messias esse Jesus que vós crucificastes» (*Act* 2, 36).
- 446** Na tradução grega dos livros do Antigo Testamento, o nome inefável sob o qual Deus Se revelou a Moisés⁵, YHWH, é traduzido por «Kyrios» («Senhor»). *Senhor* torna-se, desde então, o nome mais habitual para designar a própria divindade do Deus de Israel. É neste sentido forte que o Novo Testamento utiliza o título de «Senhor», tanto para o Pai como também – e aí é que está a novidade – para Jesus, assim reconhecido como sendo Ele próprio Deus⁶.
- 447** O próprio Jesus veladamente atribui a Si mesmo este título, quando discute com os fariseus sobre o sentido do Salmo 110⁷, e também, de modo explícito, ao dirigir-Se aos Apóstolos⁸. Ao longo de toda a vida pública, os seus gestos de domínio sobre a natureza, sobre as doenças, sobre os demónios, sobre a morte e o pecado, demonstravam a sua soberania divina.
- 448** Muitíssimas vezes, nos evangelhos, aparecem pessoas que se dirigem a Jesus chamando-lhe «Senhor». Este título exprime o respeito e a confiança dos que se aproximam de Jesus e d'Ele esperam socorro e cura⁹. Pronunciado sob a moção do Espírito Santo, exprime o reconhecimento do Mistério divino de Jesus¹⁰. No encontro com Jesus ressuscitado, transforma-se em adoração: «Meu Senhor e

¹ Cf. *Mt* 16, 16-23.

² Cf. *Jô* 6, 62; *Dn* 7, 13.

³ Cf. *Is* 53, 10-12.

⁴ Cf. *Jô* 19, 19-22; *Lc* 23, 39-43.

⁵ Cf. *Ex* 3, 14.

⁶ Cf. *1 Cor* 2, 8.

⁷ Cf. *Mt* 22, 41-46; cf. também *Act* 2, 34-36; *Heb* 1, 13.

⁸ Cf. *Jô* 13, 13.

⁹ Cf. *Mt* 8, 2; 14, 30; 15, 22; etc.

¹⁰ Cf. *Lc* 1, 43; 2, 11.

meu Deus» (Jo 20, 28). Assume então uma conotação de amor e afeição, que vai ficar como típica da tradição cristã: «É o Senhor!» (Jo 21, 7).

- 449** Ao atribuir a Jesus o título divino de Senhor, as primeiras confissões de fé da Igreja afirmam, desde o princípio¹¹, que o poder, a honra e a glória, devidos a Deus Pai, também são devidos a Jesus¹², porque Ele é «de condição divina» (Fl 2, 6) e o Pai manifestou esta soberania de Jesus ressuscitando-O de entre os mortos e exaltando-O na sua glória¹³.
- 450** Desde o princípio da história cristã, a afirmação do senhorio de Jesus sobre o mundo e sobre a história¹⁴ significa também o reconhecimento de que o homem não deve submeter a sua liberdade pessoal, de modo absoluto, a nenhum poder terreno, mas somente a Deus Pai e ao Senhor Jesus Cristo: César não é o «Senhor»¹⁵. «A Igreja crê... que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontra no seu Senhor e Mestre»¹⁶.
- 451** A oração cristã é marcada pelo título de «Senhor», quer no convite à oração: «O Senhor esteja convosco», quer na conclusão da mesma: «Por nosso Senhor Jesus Cristo», quer ainda pelo grito cheio de confiança e de esperança: «Maranatha» («O Senhor vem!») ou «Marana tha» («Vem, Senhor!») (1 Cor 16, 22): «Amen, vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20).
- 668** «Cristo morreu e voltou à vida para ser Senhor dos mortos e dos vivos» (Rm 14, 9). A ascensão de Cristo aos céus significa a sua participação, na sua humanidade, no poder e autoridade do próprio Deus. Jesus Cristo é Senhor: Ele possui todo o poder nos céus e na Terra. Está «acima de todo o principado, poder, virtude e soberania», porque o Pai «tudo submeteu a seus pés» (Ef 1, 20-22). Cristo é o Senhor do cosmos¹⁷ e da história. N'Ele, a história do homem, e até a criação inteira, encontram a sua «recapitulação»¹⁸, o seu acabamento transcendente.
- 669** Como Senhor, Cristo é também a cabeça da Igreja, que é o seu corpo¹⁹. Elevado ao céu e glorificado, tendo assim cumprido plenamente a sua missão, continua na terra por meio da Igreja. A redenção é a fonte da autoridade que Cristo, em virtude do Espírito Santo, exerce sobre a Igreja²⁰. «O Reino de Cristo já está misteriosamente presente na Igreja»²¹, «gérmen e princípio deste mesmo Reino na Terra»²².

¹¹ Cf. Act 2, 34-36.

¹² Cf. Rm 9, 5; Tt 2, 13; Ap 5, 13.

¹³ Cf. Rm 10, 9; 1 Cor 12, 3; Fl 2, 9-11.

¹⁴ Cf. Ap 11, 15.

¹⁵ Cf. Mc 12, 17; Act 5, 29.

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 10: AAS 58 (1966) 1033; cf. *ibid.*, 45: AAS 58 (1966) 1066.

¹⁷ Cf. Ef 4, 10; 1 Cor 15, 24.27-28.

¹⁸ Cf. Ef 1, 10.

¹⁹ Cf. Ef 1, 22.

²⁰ Cf. Ef 4, 11-13.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 8.

- 670** Depois da ascensão, o desígnio de Deus entrou na sua consumação. Estamos já na «última hora» (*1 Jo 2, 18*)²³. «Já chegou pois, a nós, a plenitude dos tempos, a renovação do mundo já está irrevogavelmente adquirida e, de certo modo, encontra-se já realmente antecipada neste tempo: com efeito, ainda aqui na Terra, a Igreja está aureolada de uma verdadeira, embora imperfeita, santidade»²⁴. O Reino de Cristo manifesta já a sua presença pelos sinais miraculosos²⁵ que acompanham o seu anúncio pela Igreja²⁶.
- 671** Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (*Lc 21, 27*)²⁷ pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda é atacado pelos poderes do mal²⁸, embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido²⁹, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»³⁰. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia³¹, para que se apresse o regresso de Cristo³², dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (*Ap 22, 20*)³³.
- 672** Cristo afirmou, antes da sua ascensão, que ainda não era a hora do estabelecimento glorioso do Reino messiânico esperado por Israel³⁴, o qual devia trazer a todos os homens, segundo os profetas³⁵, a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz. O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do testemunho³⁶; mas é também um tempo ainda marcado pela «desolação»³⁷ e pela provação do mal³⁸, que não poupa a Igreja³⁹ e inaugura os combates dos últimos dias⁴⁰. É um tempo de espera e de vigília⁴¹.
- 783** Jesus Cristo é Aquele que o Pai ungiu com o Espírito Santo e constituiu «sacerdote, profeta e rei». Todo o povo de Deus participa destas três funções de Cristo, com as responsabilidades de missão e de serviço que delas resultam⁴².

²³ Cf. *1 Pe 4, 7*.

²⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

²⁵ Cf. *Mc 16, 17-18*.

²⁶ Cf. *Mc 16, 20*.

²⁷ Cf. *Mt 25, 31*.

²⁸ Cf. *2 Ts 2, 7*.

²⁹ Cf. *1 Cor 15, 28*.

³⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

³¹ Cf. *1 Cor 11, 26*.

³² Cf. *2 Pe 3, 11-12*.

³³ Cf. *1 Cor 16, 22; Ap 22, 17*.

³⁴ Cf. *Act 1, 6-7*.

³⁵ Cf. *Is 11, 1-9*.

³⁶ Cf. *Act 1, 8*.

³⁷ Cf. *1 Cor 7, 26*.

³⁸ Cf. *Ef 5, 16*.

³⁹ Cf. *1 Pe 4, 17*.

⁴⁰ Cf. *1 Jo 2, 18; 4, 3; 1 Tm 4, 1*.

⁴¹ Cf. *Mt 25, 1-13; Mc 13, 33-37*.

⁴² Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptor hominis*, 18-21: AAS 71 (1979) 301-320.

786 Finalmente, o povo de Deus participa na função *real* de Cristo. Cristo exerce a sua realeza atraindo a Si todos os homens pela sua morte e ressurreição⁴³. Cristo, Rei e Senhor do universo, fez-Se o servo de todos, pois «não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida como resgate pela multidão» (*Mt* 20, 28). Para o cristão, «reinar é servi-Lo»⁴⁴, em especial «nos pobres e nos que sofrem, nos quais a Igreja reconhece a imagem do seu Fundador pobre e sofredor»⁴⁵. O povo de Deus realiza a sua «dignidade real» na medida em que viver de acordo com esta vocação de servir com Cristo.

«De todos os regenerados em Cristo, o sinal da cruz faz reis, a unção do Espírito Santo consagra sacerdotes, para que, independentemente do serviço particular do nosso ministério, todos os cristãos espirituais no uso da razão se reconheçam membros desta estirpe real e participantes da função sacerdotal. De facto, que há de tão real para uma alma como governar o seu corpo na submissão a Deus? E que há de tão sacerdotal como oferecer ao Senhor uma consciência pura, imolando no altar do seu coração as vítimas sem mancha da piedade?»⁴⁶.

908 Fazendo-Se obediente até à morte⁴⁷, Cristo comunicou aos seus discípulos o dom da régia liberdade, para que, «com abnegação si mesmos e santidade de vida, vençam em si próprios o reino do pecado»⁴⁸.

«Aquele que submete o corpo e governa a sua alma, sem se deixar submergir pelas paixões, é senhor de si mesmo; pode ser chamado rei, porque é capaz de reger a sua própria pessoa; é livre e independente e não se deixa cativar por uma escravidão culpável»⁴⁹.

2105 O dever de prestar a Deus um culto autêntico diz respeito ao homem individual e socialmente. Esta é «a doutrina católica tradicional sobre o dever moral que os homens e as sociedades têm para com a verdadeira religião e a única Igreja de Cristo»⁵⁰. Ao evangelizar incessantemente os homens, a Igreja trabalha para que eles possam «impregnar de espírito cristão as mentalidades e os costumes, as leis e as estruturas da comunidade em que vivem»⁵¹. É dever social dos cristãos respeitar e despertar em cada homem o amor da verdade e do bem. Esse dever exige que tornem conhecido o culto da única verdadeira religião que subsiste na Igreja católica e apostólica⁵². Os cristãos são chamados a ser a luz do mundo⁵³. A Igreja manifesta assim a realeza de Cristo sobre toda a criação, e em particular sobre as sociedades humanas⁵⁴.

2628 A *adoração* é a primeira atitude do homem que se reconhece criatura diante do seu Criador. Exalta a grandeza do Senhor que nos criou⁵⁵ e a onipotência do Salvador que nos liberta do mal. É a prostração do espírito perante o «Rei da

⁴³ Cf. *Jo* 12, 32.

⁴⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 36: AAS 57 (1965) 41.

⁴⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12.

⁴⁶ SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 4, 1: CCL 138, 16-17 (PL 54, 149).

⁴⁷ Cf. *Fl* 2, 8-9.

⁴⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 36: AAS 57 (1965) 41.

⁴⁹ SANTO AMBRÓSIO, *Expositio psalmi CXVIII*, 14, 30: CSEL 62, 318 (PL 15, 1476).

⁵⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Dignitatis humanae*, 1: AAS 58 (1966) 930.

⁵¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Apostolicam actuositatem*, 13: AAS 58 (1966) 849.

⁵² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Dignitatis humanae*, 1: AAS 58 (1966) 930.

⁵³ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Apostolicam actuositatem*, 13: AAS 58 (1966) 850.

⁵⁴ Cf. LEÃO XIII, Enc. *Immortale Dei*: Leonis XIII Acta 5, 118-150; Pio XI, Enc. *Quas primas*: AAS 17 (1925) 593-610.

⁵⁵ Cf. *Sl* 95, 1-6.

glória»⁵⁶ e o silêncio respeitoso face ao Deus «sempre maior»⁵⁷. A adoração do Deus três vezes santo e soberanamente amável enche-nos de humildade e dá segurança às nossas súplicas.

CIC 678-679, 1001, 1038-1041: Cristo juiz

678 Na sequência dos profetas⁵⁸ e de João Baptista⁵⁹, Jesus anunciou, na sua pregação, o Juízo do último dia. Então será revelado o procedimento de cada um⁶⁰ e o segredo dos corações⁶¹. Então, será condenada a incredulidade culpável, que não teve em conta a graça oferecida por Deus⁶². A atitude tomada para com o próximo revelará a aceitação ou a recusa da graça e do amor divino⁶³. No último dia, Jesus dirá: «Sempre que o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (*Mt 25, 40*).

679 Cristo é Senhor da vida eterna. O pleno direito de julgar definitivamente as obras e os corações dos homens pertence-Lhe a Ele, enquanto redentor do mundo. Ele «adquiriu» este direito pela sua cruz. Por isso, o Pai entregou «ao Filho todo o poder de julgar» (*Jo 5, 22*)⁶⁴. Ora, o Filho não veio para julgar, mas para salvar⁶⁵ e dar a vida que tem em Si⁶⁶. É pela recusa da graça nesta vida que cada qual se julga já a si próprio⁶⁷, recebe segundo as suas obras⁶⁸ e pode, mesmo, condenar-se para a eternidade, recusando o Espírito de amor⁶⁹.

1001 *Quando?* Definitivamente «no último dia» (*Jo 6, 39-40.44.54; 11, 24*), «no fim do mundo»⁷⁰. Com efeito, a ressurreição dos mortos está intimamente associada à Parusia de Cristo:

«Ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descera do céu e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro» (*1 Ts 4, 16*).

1038 A ressurreição de todos os mortos, «justos e pecadores» (*Act 24, 15*), há-de preceder o Juízo final. Será «a hora em que todos os que estão nos túmulos hão-de ouvir a sua voz e sairão: os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida, e os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação» (*Jo 5, 28-29*). Então Cristo virá «na sua glória, com todos os seus anjos [...]». Todas as nações se reunirão na sua presença e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e colocará as ovelhas

⁵⁶ Cf. *Sl 24, 9-10*.

⁵⁷ SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum 62, 16*: CCL 39, 804 (PL 36, 758).

⁵⁸ Cf. *Dn 7, 10; Jl 3-4; Ml 3, 19*.

⁵⁹ Cf. *Mt 3, 7-12*.

⁶⁰ Cf. *Mc 12, 38-40*.

⁶¹ Cf. *Lc 12, 1-3; Jo 3, 20-21; Rm 2, 16; 1 Cor 4, 5*.

⁶² Cf. *Mt 11, 20-24; 12, 41-42*.

⁶³ Cf. *Mt 5, 22; 7, 1-5*.

⁶⁴ Cf. *Jo 5, 27; Mt 25, 31; Act 10, 42; 17, 31; 2 Tm 4, 1*.

⁶⁵ Cf. *Jo 3, 17*.

⁶⁶ Cf. *Jo 5, 26*.

⁶⁷ Cf. *Jo 3, 18; 12, 48*.

⁶⁸ Cf. *1 Cor 3, 12-15*.

⁶⁹ Cf. *Mt 12, 32; Heb 6, 4-6; 10, 26-31*.

⁷⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.

à sua direita e os cabritos à sua esquerda. [...] Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna» (Mt 25, 31-33.46).

1039 É perante Cristo, que é a Verdade, que será definitivamente posta a descoberto a verdade da relação de cada homem com Deus⁷¹. O Juízo final revelará, até às suas últimas consequências, o que cada um tiver feito ou deixado de fazer de bem durante a sua vida terrena:

«Todo o mal que os maus fazem é registado – e eles não o sabem. No dia em que “Deus virá e não se calará” (Sl 50, 3) [...]. Então, Ele Se voltará para os da sua esquerda: “Na terra, dir-lhes-á, Eu tinha posto para vós os meus pobrezinhos. Eu, Cabeça deles, estava no céu sentado à direita do Pai – mas na terra os meus membros tinham fome; o que vós tivésseis dado aos meus membros, teria chegado à Cabeça. Quando Eu coloquei os meus pobrezinhos na terra, constituí-os vossos portadores para trazerem as vossas boas obras ao meu tesouro. Vós nada depositastes nas mãos deles; por isso nada encontráeis em Mim”»⁷².

1040 O Juízo final terá lugar quando acontecer a vinda gloriosa de Cristo. Só o Pai sabe o dia e a hora, só Ele decide sobre a sua vinda. Pelo seu Filho Jesus Cristo, Ele pronunciará então a sua palavra definitiva sobre toda a história. Nós ficaremos a saber o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais a sua providência tudo terá conduzido para o seu fim último. O Juízo final revelará como a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas pelas suas criaturas e como o seu amor é mais forte do que a morte⁷³.

1041 A mensagem do Juízo final é um apelo à conversão, enquanto Deus dá ainda aos homens «o tempo favorável, o tempo da salvação» (2 Cor 6, 2). Ela inspira o santo temor de Deus, empenha na justiça do Reino de Deus e anuncia a «feliz esperança» (Tt 2, 13) do regresso do Senhor, que virá «para ser glorificado nos seus santos, e admirado em todos os que tiverem acreditado» (2 Ts 1, 10).

CIC 2816-2821: “Venha a nós o vosso Reino”

2816 No Novo Testamento, a mesma palavra «*basileia*» pode traduzir-se por realza (nome abstracto), reino (nome concreto) ou reinado (nome de acção). O Reino de Deus está diante de nós. Aproximou-se no Verbo encarnado, foi anunciado através de todo o Evangelho, veio na morte e ressurreição de Cristo. O Reino de Deus vem desde a santa ceia e, na Eucaristia, está no meio de nós. O Reino virá na glória, quando Cristo o entregar a seu Pai:

«É mesmo possível [...] que o Reino de Deus signifique o próprio Cristo, a Quem todos os dias desejamos que venha e cuja Vinda queremos que aconteça depressa. Do mesmo modo que Ele é a nossa ressurreição, pois n’Ele ressuscitamos, assim também pode ser Ele próprio o Reino de Deus, porque n’Ele reinaremos»⁷⁴.

⁷¹ Cf. Jo 12, 48.

⁷² SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 18, 4, 4: CCL 41, 247-249 (PL 38, 130-131).

⁷³ Cf. Ct 8, 6.

⁷⁴ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 13: CCL 3A, 97 (PL 4, 545).

2817 Esta petição é o «Marana Tha», o clamor do Espírito e da esposa: «Vem, Senhor Jesus!»:

«Mesmo que esta oração não nos tivesse imposto o dever de pedir a vinda deste Reino, teríamos espontaneamente soltado este grito, com pressa de irmos abraçar o objecto das nossas esperanças. As almas dos mártires, sob o altar de Deus, invocam o Senhor com grandes gritos: “Até quando, Senhor, até quando tardarás em pedir contas do nosso sangue aos habitantes da terra?” (Ap 6, 10). Eles devem, com efeito, alcançar justiça, no fim dos tempos. Apressa, portanto, Senhor, a vinda do Teu Reino!»⁷⁵.

2818 Na oração do Senhor, trata-se principalmente da vinda final do Reino de Deus pelo regresso de Cristo⁷⁶. Mas este desejo não distrai a Igreja da sua missão neste mundo, antes a empenha nela. Porque, desde o Pentecostes, a vinda do Reino é obra do Espírito do Senhor, «para continuar a sua obra no mundo e consumir toda a santificação»⁷⁷.

2819 «O Reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (Rm 14, 17). Os últimos tempos em que nos encontramos são os da efusão do Espírito Santo. Trava-se desde então um combate decisivo entre «a carne» e o Espírito⁷⁸:

«Só um coração puro pode dizer com confiança: “Venha a nós o vosso Reino”. É preciso ter passado pela escola de Paulo para dizer: “Que o pecado deixe de reinar no vosso corpo mortal” (Rm 6, 12). Quem se conserva puro nos seus actos, pensamentos e palavras é que pode dizer a Deus: “Venha a nós o vosso Reino!”»⁷⁹.

2820 Discernindo segundo o Espírito, os cristãos devem distinguir entre o crescimento do Reino de Deus e o progresso da cultura e da sociedade em que estão inseridos. Esta distinção não é uma separação. A vocação do homem para a vida eterna não suprime, antes reforça, o seu dever de aplicar as energias e os meios recebidos do Criador no serviço da justiça e da paz neste mundo⁸⁰.

2821 Esta petição é feita e atendida na oração de Jesus⁸¹, presente e eficaz na Eucaristia; ela produz o seu fruto na vida nova segundo as bem-aventuranças⁸².

⁷⁵ TERTULIANO, *De oratione*, 5, 2-4: CCL 1, 260 (PL 1, 1261-1262).

⁷⁶ Cf. *Tt* 2, 13.

⁷⁷ Cf. *Oração Eucarística IV*, 118: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 468 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 539].

⁷⁸ Cf. *Gl* 5, 16-25.

⁷⁹ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae*, 5, 13: SC 126, 162 (PG 33, 1120).

⁸⁰ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042-1044; *Ibid.*, 32: AAS 58 (1966) 1057; *Ibid.*, 45: AAS 58 (1966) 1065-1066; PAULO VI, Ex. ap. *Evangelii nuntiandi*, 31: AAS 68 (1976) 26-27.

⁸¹ Cf. *Jo* 17, 17-20.

⁸² Cf. *Mt* 5, 13-16; 6, 24; 7, 12-13.